

Telecinesia: A Maior Força do Universo

Desde criança tinha um certo controle dos meus sonhos. Não chegava ao ponto de poder dizer que estava consciente neles, mas nos momentos em que estava semiacordado conseguia “rebobinar a fita”, voltar para a parte que eu estava gostando e vivenciá-la novamente diversas vezes e coisas do tipo. Nunca ouvi ninguém falar sobre isso e nunca comentei com ninguém, apenas achava algo divertido.

Sempre pensei em sonhos como ensaios para a realidade embora tenha lido diversas vezes que é quase o contrário, ou seja, os acontecimentos que ocorrem em nossas vidas que servem de inspiração para que o nosso subconsciente os elabore. Neles podemos vivenciar tanto coisas boas quanto ruins. Lembro-me de ter mais de um sonho repetitivo naquela época. Uma queda de penhasco era um deles quando bem jovem, também uma invasão alienígena em que eu pulava de um pequeno muro no meu antigo apartamento para fugir da perseguição; ambos provavelmente frutos dos filmes produzidos naquele distrito de Los Angeles, na Califórnia, conhecido como Hollywood, que eu assistia. Às vezes é até difícil classificar um sonho como bom ou ruim, porque ele pode nos trazer emoções contraditórias. Por exemplo, a pior coisa que já me aconteceu na vida foi a morte do meu pai. Sonhava com ele muitas vezes e, por alguns segundos depois de acordar, acreditava que ele ainda estivesse vivo para depois “cair na realidade”. Como eu sugeri, certos sonhos podem ser bons e ruins ao mesmo tempo.

Uma coisa que me incomodava e acontecia muito nesses momentos na dimensão onírica é descobrir algo que julgava extremamente importante ou interessante enquanto sonhava e, ao acordar, permanecer com essa sensação sem conseguir me lembrar do que eu havia “descoberto”. Isso acabou se tornando uma

verdadeira obsessão e com o passar do tempo tentava trazer essa informação dos sonhos com mais afinco, sempre me julgando cada vez mais proficiente no processo e estando mais perto de lembrar daquele diferencial vívido que acontecia nele e que parecia tão importante, mas sem nunca conseguir. Provavelmente estava apenas confundindo movimento com progresso e continuava distante dessa realização, mas nem por isso eu tinha a intenção de desistir do meu objetivo.

Essa devia ser a mesma frustração de Zenão, ao tentar cruzar uma certa distância ponto a ponto, até chegar ao seu destino consoante uma peculiar regra de movimentação, que deu origem ao paradoxo que levou seu nome. O paradoxo de Zenão é mais facilmente entendido por meio de um exemplo que encontrei na Wikipedia. Imagine um atleta que deseja correr uma distância de 60 metros. Para alcançar o final do percurso, ele precisa, primeiramente, passar pelo ponto correspondente a metade do trajeto ($1/2$). Em seguida, deve atingir o próximo ponto, situado a dois terços ($2/3$) do percurso, depois três quartos ($3/4$), e assim sucessivamente: quatro quintos ($4/5$), cinco sextos ($5/6$), trinta e um trigésimo primeiro ($30/31$), até alcançar posições cada vez mais próximas do fim, como o ponto ($199/200$) e, por fim, ($5647/5648$), o que equivale numericamente a aproximadamente 59,9893798 metros. Dessa forma, o número de pontos que o atleta precisa alcançar antes de chegar ao final tende ao infinito. Como o conceito de infinito, contudo, é uma abstração matemática que representa algo sem limites nos deparamos com a parede de um paradoxo. Na verdade, um aparente paradoxo: o atleta jamais alcançaria o final do percurso de 60 metros, pois teria de percorrer uma infinidade de pontos intermediários. Caso ele conseguisse chegar ao final, isso implicaria que o infinito teria um limite definido – uma contradição lógica¹.

Voltando a nossa história, o fim dos meus esforços foi estabelecido quando eu, subitamente e sem explicação, parei de sonhar, ou melhor, quando parei de me lembrar de meus sonhos. Em minha última tentativa tive a mais forte impressão de ter quase conseguido me lembrar daquele aprendizado instigante que “tocava” ao sonhar, mas com o fim dessas lembranças de minha atividade noturna não fui capaz de tentar novamente. O hábito que criei de me esforçar para sempre trazer lembranças do que acontecia em minha mente enquanto dormia parecia quase ter obtido frutos, mas algo me impediu pouco antes de obter sucesso.

Não estou sugerindo a existência de uma força consciente que me fez “parar de sonhar”, mas algum tipo de barreira natural que impedia quem estivesse perto dessa conquista de realmente obtê-la. Eu ainda tinha lembranças de alguns sonhos durante os anos que se seguiram, uma ou duas vezes por ano, por alguns segundos antes de acordar ou, talvez, até menos. Mesmo assim, isso nunca saiu completamente de minha mente.

Um dia, muito tempo depois, com 47 anos de idade, algo aconteceu. Eu acordei de forma abrupta com as memórias de algo incrível que eu fizera em um sonho. Tratava-se de mover objetos sem tocar neles. E eu lembrava não só da sensação, mas também de como eu fazia para movê-los no meu devaneio. Eu sempre pensei que minha mente nunca descansara desde a infância de tentar trazer algo incrível que fazia enquanto sonhava e, aparentemente, eu estava certo. Para não perder a memória e só por puro exercício diletante tentei repetir mentalmente o que fazia enquanto dormia quando movia objetos. Tinha adormecido na minha escrivaninha, onde possuía uma pequena bola de metal como brinquedo que ficava movendo com os dedos junto com outras, uma técnica chinesa de relaxamento. Estava com a cabeça deitada sobre a mesa enquanto olhava para ela e, quase inconscientemente, tentei movê-la. Ela se moveu um pouco, mas eu me movi muito, porque caí da cadeira de susto ao vê-la atender ao meu comando.

Depois disso continuei tentando, brincando por horas e horas, lentamente, conseguindo cada vez mais facilmente mover o objeto sobre a mesa. Depois de já estar cansado, por não ter mais dormido, comido ou mesmo ido ao trabalho, tentei racionalizar o que estava acontecendo. O problema é que a ciência não explica a telecinesia, a Física nunca teorizou sobre como um objeto poderia se mover sem a ação direta de uma força conhecida sobre ele. Não a Física conhecida até os nossos dias. Talvez no futuro teorias fossem formadas, mas não poderia contar com elas no momento. Como eu deveria entender algo assim partindo do nada?

Saber utilizar algo não é o mesmo que compreender o seu funcionamento. Imagine como movemos nossos membros, por exemplo, como você explicaria a alguém como mexer um braço ou um dedo se ele não conseguisse sozinho? Mesmo tendo a teoria isso seria um desafio e tanto. No caso em tela, o nosso cérebro envia impulsos elétricos por meio do nosso sistema nervoso obtendo a contração

de um ou mais músculos e como resposta é produzindo o movimento. Além disso, a força exercida é proporcional a quantidade de impulsos enviados pelo encéfalo por segundo.

Entender os princípios por trás do funcionamento de algo pode ajudar a controlá-lo melhor e, nesse caso, aumentar o leque de opções dessa habilidade. Pensei nas quatro forças fundamentais do Universo para tentar formular uma teoria, pois elas estão envolvidas fundamentalmente em quase todos os fenômenos físicos conhecidos. Descartei a Força Nuclear Forte e a Força Nuclear Fraca por entender que, por suas características intrínsecas, não me ajudariam a construir uma explicação para os princípios da telecinesia. Quanto à Gravidade e o Eletromagnetismo, ambas são forças invisíveis cujo funcionamento poderia ser útil para a elaboração de uma Teoria da telecinesia.

Eu me considero quase um físico amador, embora meu trabalho não envolva esse ramo da ciência ou qualquer um, pois ele sempre foi meramente administrativo. Entretanto, tenho bastante conhecimento na área, por isso encarei o desafio de explicar o fenômeno por curiosidade e, talvez, para obter um melhor proveito do que havia descoberto. Talvez na teoria, talvez na prática ou até na vida, mas de algum modo sabia que meu futuro seria a exploração disso. Tendo em mente essa missão, fiz desse meu projeto de vida a partir daquele momento. Pedi licença do meu trabalho (para o qual nunca mais voltei) e comecei a viver como um pesquisador autônomo, já que por ser previdente possuía fundos para me manter durante essa tarefa que, com certeza, não seria fácil. Como um verdadeiro cientista, nos meses que se passaram me dediquei a meus estudos, sendo que primeiro pensei na força invisível da gravidade como modelo para explicar o novo fenômeno que havia descoberto.

A força da gravidade na superfície da Terra é a manifestação da interação gravitacional entre ela e os objetos próximos. Essa força é descrita pela segunda lei de Newton, $F = m \cdot a$, onde "m" é a massa do objeto e "a" é a aceleração devido à gravidade, "g", que na Terra é aproximadamente $9,8 \text{ m/s}^2$. Embora, em termos mais precisos, esse seja apenas um valor de referência, pois a gravidade da Terra sofre variações aumentando ou diminuindo um pouco dependendo do ponto da superfície onde você estiver e da respectiva distância dele ao núcleo do planeta.

Essa aceleração implica que, para um corpo em queda livre (desconsiderando a resistência do ar), sua velocidade aumenta em

$9,8\text{m/s}^2$ a cada segundo. Por exemplo, após 1 segundo de queda, a velocidade será $9,8\text{m/s}^2$, após 2 segundos será $19,6\text{m/s}^2$, e assim por diante. Galileu demonstrou que a aceleração devido à gravidade é constante para todos os objetos próximos à superfície terrestre, independentemente de sua massa e essa parecia ser uma semelhança com a telecinesia, pois a massa também não parecia influenciar em seus efeitos. Em resumo, eu poderia mover tudo que eu acreditasse que conseguia e se minha "crença" mudasse, os efeitos também mudavam. O limite parecia ser a própria imaginação, pois inicialmente não conseguia mover certos objetos, mas depois o fiz com facilidade apenas por acreditar que poderia, não como resultado de um treino para isso.

Voltando à gravidade, a força gravitacional que a Terra exerce sobre um objeto depende de sua massa. Para calcular essa força em *newtons*, usamos a fórmula $F=m \cdot g$. Por exemplo, um objeto com massa de 10kg experimentará uma força gravitacional de $F=10 \cdot 9,8=98\text{N}$.

A aceleração gravitacional na superfície da Terra, " g ", pode ser calculada usando a Lei da Gravitação Universal de Newton, onde $g = G \cdot M/R^2$. Nessa fórmula " G " é a constante gravitacional, " M " é a massa da Terra e " R " é o raio médio do planeta. É assim que chegamos ao valor aproximado de $9,8\text{m/s}^2$ e por esse motivo, como disse anteriormente, ela varia conforme o ponto em que se está no planeta, por ser uma combinação da massa da Terra e da distância até seu centro.

Acabei chegando à conclusão que, apesar de algumas semelhanças, esse não era o caminho correto para entender a telecinesia. Algo me dizia que a resposta estaria mais próxima do eletromagnetismo do que da gravidade, até porque esta, por ser a mais fraca das forças primordiais, para produzir um efeito significativo precisaria operar grandezas com massas de proporção planetárias. Só para comparar, um ímã de geladeira produz mais força eletromagnética do que todo o planeta Terra exerce efeito gravitacional em um pequeno corpo. A deformação que tem de ser produzida no espaço para um efeito gravitacional significativo é imensa e com certeza não seria possível explicar o que eu havia descoberto dessa forma.

Lembrei que na antiguidade, histórias de feiticeiros e bruxas, traziam essa habilidade em suas lendas. Eu tinha certeza que a descoberta desse poder não era inédita e que, no passado,

existia essa prática em certos círculos, talvez ainda permaneça em um submundo secreto de uma cidade antiga. Eu também acreditava que essa força sempre foi subestimada, devido a falta de entendimento dos poucos que, possivelmente, conseguiram manejá-la através da história. Por esse motivo achava importante tentar entender seus princípios e suas mínimas manifestações. E com isso, comecei minhas suposições do seu funcionamento comparando-a com as propriedades do eletromagnetismo.

A força eletromagnética é responsável por todas as interações entre partículas carregadas eletricamente, bem como pelos fenômenos magnéticos. Ela governa uma ampla gama de processos no Universo, desde a interação entre átomos até o comportamento de campos magnéticos em galáxias. Eu acreditava que a semelhança e a explicação definitiva para a telecinesia se encontrava justamente na interação entre os átomos. A força elétrica surge entre partículas carregadas eletricamente, ao passo que a força magnética surgia quando partículas carregadas estavam em movimento relativo. A força elétrica entre duas cargas é descrita pela Lei de Coulomb, cujas peculiaridades merecem uma extensa digressão. Ela poderia ser atrativa (com cargas com sinais opostos) ou repulsiva (com cargas de mesmo sinal). Por sua vez, quando uma carga elétrica está em movimento, ela gera um campo magnético. Esse campo pode interagir com outras cargas ou correntes elétricas próximas, gerando uma força magnética. Esse conceito envolve a carga elétrica, a velocidade dela, a intensidade do campo magnético e o ângulo entre a velocidade da carga e o próprio campo magnético. Um modelo que parecia se ajustar muito bem à telecinesia para a formulação de uma teoria. Entretanto, isso só é possível hoje porque um cientista de nome Maxwell unificou os entendimentos sobre os fenômenos elétricos e magnéticos. Ele estabeleceu verdadeiras leis sobre o comportamento da interação desses efeitos. Explicou que cargas elétricas criam campos elétricos, correntes elétricas (cargas em movimento) criam campos magnéticos e, finalmente, que campos elétricos variáveis no tempo podem gerar campos magnéticos, e vice-versa. Isso tudo baseado na observação de como a força eletromagnética atuava. O modelo padrão de estudo dele era genial e exatamente o que eu precisava para entender os efeitos da telecinesia. No campo "nanoscópico", podemos observar que, em átomos e moléculas a força eletromagnética mantém os elétrons ligados ao núcleo do

átomo, bem como governa as ligações químicas entre eles. Em correntes elétricas a força magnética gerada por elas é responsável pelo funcionamento de motores elétricos e geradores. Em ondas eletromagnéticas a oscilação de campos elétricos e magnéticos dá origem à luz e a outras ondas eletromagnéticas, como micro-ondas e raios X. No magnetismo ímãs permanentes e eletroímãs são exemplos do efeito magnético de partículas carregadas em movimento. A força eletromagnética é significativamente mais intensa do que a gravidade. Por exemplo, a força eletromagnética entre dois *prótons* em um núcleo atômico é aproximadamente 10^{36} mais forte do que a força gravitacional entre eles. Isso ocorre devido à dependência da força da gravidade à quantidade de massa, o que resulta em efeitos ainda mais reduzidos ao lidarmos com *elétrons*, que possuem uma massa cerca de 1840 vezes menor do que a dos *prótons*.

Não é por acaso que, devido à sua natureza fundamental e ampla aplicabilidade, a força eletromagnética é uma das principais fundações da física moderna e das tecnologias que utilizamos diariamente. Esse modelo serviu como base para minha teoria telecinética.

Alguns anos se passaram e eu finalmente entendi o funcionamento da telecinesia desde suas mínimas manifestações até seus potenciais efeitos em nível cósmico. Todo o estudo valeu a pena porque após essa compreensão o meu domínio sobre ela se tornou praticamente absoluto e não havia nada que eu não pudesse fazer. Minha fundamentação, embasada na física de partículas, decorria basicamente de uma análise dos paralelos entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental. Uma forma de pensar na mesma linha da realizada por Fritjof Capra, em seu livro "O Tao da Física" há mais de 30 anos e um conteúdo teórico que nessas três décadas jamais foi invalidado por nenhuma descoberta recente no campo da Física. Algo que li quando tinha cerca de 25 anos de idade.

Em resumo, a resposta estava mesmo no microverso, no universo subatômico, na interação entre os átomos e em partículas menores ainda, como *mesóns*, *bósons*, *táquions* e em outros conceitos importantes na física de partículas e na física teórica.

Embora meu caminho para o conhecimento tenha sido guiado pelas teorias que envolvem o eletromagnetismo, todo o entendimento acabou sendo unificado, concedendo-me uma nova

perspectiva sobre o Universo. De forma menos abstrata e extremamente resumida, os *mésons*, pertencentes à família dos *hádrons* e formados por um *quark* e um *antiquark*, interagem por meio da força nuclear forte, mediando a coesão entre *prótons* e *nêutrons* nos núcleos atômicos. Os *bósons*, por sua vez, estavam associados à força nuclear fraca, enquanto os *fótons* agiam pela interação eletromagnética. Já os *glúons* eram responsáveis por "colar" o microverso através da interação nuclear forte, enquanto os hipotéticos *grávitons* representavam a verdadeira essência da gravidade.

Acima de todas essas interações, porém, estava a telecinesia em nível subatômico, capaz de alterar o comportamento de qualquer uma dessas partículas à minha vontade. E eu conseguia fazer isso. Eu podia influenciar até mesmo partículas hipotéticas para a ciência, como os *táquions*, ou ainda as recém-descobertas, em 2012, *partículas de Higgs*, que conferem massa às partículas elementares. Com a telecinesia, eu podia criar qualquer coisa, exercer qualquer força e manipular as estruturas mais fundamentais do Universo.

Como se pode perceber, fundamentei toda a telecinesia na física de partículas, o substrato – ou melhor, o rio – no qual o barco da física quântica navega. No entanto, todas as comprovações práticas começaram com aquela mesma bolinha de metal com a qual eu brincava entre as mãos e que estava sobre a mesa quando despertei, logo após descobrir esse poder.

Testei a maioria das minhas teorias por anos utilizando apenas aquela bolinha. No início, é claro, realizei experimentos levantando vários objetos pesados. Mas, à medida que comecei a entender como a telecinesia realmente funcionava, decidi me concentrar exclusivamente naquela bolinha. Esse foco tinha o objetivo de estabelecer um limite para algo que, paradoxalmente, parecia não possuir limites.

Após esse período, utilizando essa força, posso dizer que toda a estrutura fundamental do Universo estava sob meu comando. Eu era capaz de replicar qualquer efeito que pudesse imaginar no mundo real, manipulando diretamente essa estrutura. Por exemplo, se desejasse lançar um raio, bastava criar um fluxo de elétrons entre mim e o objeto a ser eletrocutado. Se quisesse gerar calor, bastava agitar as moléculas; para produzir frio, eu simplesmente as desacelerava. Se o objetivo fosse alterar a forma de um objeto, tudo o que eu precisava fazer era modificar

sua estrutura atômica. Foi o caso daquela bolinha de metal na minha mesa, que ao longo dos anos se transformou em um cubo, foi derretida, congelada e submetida a incontáveis alterações, chegando até a ser convertida em ouro.

Além disso, minhas habilidades físicas também se tornaram ilimitadas por meio do controle atômico. Eu podia ouvir sons a quilômetros de distância, alinhando os átomos ao longo do caminho para melhorar a condução das vibrações. Da mesma forma, podia aprimorar minha visão manipulando a reação dos *fótons*. Eu podia interagir com máquinas e computadores, controlando os *elétrons* e os registradores em seus circuitos.

Ainda mais impressionante, eu poderia alterar os mecanismos que determinam a vida. Acabar com a tirania do encurtamento dos telômeros e reformular a forma como age a telomerase² nos organismos. Superar o Limite de Hayflick³, que define a longevidade celular. Em essência, não havia restrições para esse poder.

O sentimento é semelhante ao que eu tinha quando, na infância, brincava de representar os números de 0 a 100 utilizando apenas o algarismo 4. A diferença é que, neste caso, o "algarismo 4"⁴ é a telecinesia, que agora utilizo para realizar qualquer coisa.

Assim como no jogo, com o conhecimento aprimorado do Universo que adquiri, não existe apenas uma solução para um problema, mas infinitas possibilidades.

Por exemplo, se eu quisesse ver um objeto localizado atrás de mim, poderia, com um simples pensamento, alterar a constante gravitacional universal "G" da Lei da Gravitação Universal que mencionei anteriormente de $6,67408 \cdot 10^{-11} \text{ N.m}^2/\text{kg}^2$ para um valor equivalente ao de um buraco negro. Isso criaria uma curvatura extrema na luz, permitindo que os raios luminosos se dobrassem e eu enxergasse minhas costas. Contudo, tal alteração traria um pequeno efeito colateral: a destruição do planeta.

Dado o risco, sempre precisei tomar cuidado para não provocar a extinção da vida, a destruição do planeta ou algo ainda mais catastrófico, como o fim do Universo – sobretudo considerando que, com o poder que adquiri, tudo isso poderia acontecer apenas com um pensamento. Por esse motivo, durante quase uma década, limitei todas as aplicações práticas do meu conhecimento ao escopo de uma única bolinha de metal.

A realidade é que existem sempre outros caminhos, mais

elegantes, para se alcançar um objetivo. O número de soluções possíveis é diretamente proporcional ao nível de entendimento que temos sobre o processo em questão. Assim como no jogo com o algarismo 4, onde eu conseguia expressar o número 64 (um quadrado perfeito⁵), de diferentes maneiras, como: $64=4 \times (4+4+4+4)+4 \times 4/4$ ou ainda de forma mais simples e refinada: $64=4^2/4$.

De forma análoga, ao invés de alterar a gravidade para observar minhas costas, eu poderia criar um caminho por meio da colisão de átomos, obrigando os *fótons* a viajar de forma controlada, indo e voltando dos meus olhos até o objeto atrás de mim (embora isso também tivesse um potencial para produzir catástrofes). Entretanto, a solução mais elegante provavelmente envolveria conceitos da física quântica, como o tunelamento de *elétrons*.

Princípios que aprendemos desde cedo, como o de que "dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço ao mesmo tempo", são, na verdade, apenas uma simplificação válida sob certas circunstâncias. Em um universo tridimensional, isso pode ser considerado verdadeiro, mas, à medida que passamos a trabalhar com dimensões superiores, infinitos corpos podem coexistir em nossas coordenadas tridimensionais. Da mesma forma a menor distância entre dois pontos só é uma reta em ambiente plano, pois se pensarmos em um cilindro, por exemplo, esse intervalo seria representado por uma elipse.

O tunelamento de *elétrons* que mencionei é um fenômeno comprovado, no qual partículas conseguem atravessar barreiras físicas aparentemente intransponíveis. Esse princípio também pode explicar o comportamento de outras partículas, como os *neutrinos*, que interagem muito fracamente com a matéria e atravessam corpos celestes inteiros sem qualquer dificuldade.

Utilizando o entrelaçamento quântico entre dois pontos no espaço, eu poderia até mesmo fazer com que meus próprios olhos tivessem, fisicamente, a capacidade de ver o que está atrás de mim por compartilharem a mesma posição no espaço.

Todavia, agora que considero meu trabalho concluído com todos esses frutos que colhi, surge a questão mais importante: o que eu deveria fazer com essas habilidades? Qual seria o propósito da minha existência no plano geral das coisas?

Eu possuo os poderes de um super-herói, ou talvez algo ainda maior, como uma divindade. Eu poderia "respirar" debaixo

d'água, substituindo telecineticamente o papel da hemoglobina ao levar oxigênio para os órgãos. Mais do que isso, poderia criar meu próprio oxigênio ou até mesmo alterar minha fisiologia para não depender dele. Sobreviver às condições extremas do espaço também não seria um desafio; pressão, temperatura e qualquer outro fator poderiam ser ajustados com um simples pensamento.

Apesar de tudo isso, escolhi permanecer na Terra, sem realizar nenhum desses "milagres". O propósito de minha existência, como mencionei antes, parecia estar aqui, no meu planeta, e não apenas vagando ou observando o universo além.

A vida, aparentemente, tão rara pelas galáxias merecia um zelador diligente em um planeta que conseguiu florescer. Minha própria civilização, apesar de seus inúmeros erros também merecia prosperar. Mas isso deveria ser feito de forma espalhafatosa como nos filmes do super-homem ou nas entrelinhas da história como Deus supostamente o faz? E se existisse mesmo uma divindade suprema, seria eu agora uma variável não dimensionada nos seus planos? Ou será que o Criador é apenas uma invenção da Criatura? Todo o poder que estava disponível para mim, não me trazia mais esclarecimento sobre esses assuntos. Talvez, mesmo superpoderoso, um humano nunca deixe de ser apenas humano. Minhas dúvidas podiam ser prova disso ou apenas me faltava maturidade para enfrentar tais questões.

Decidi olhar o todo, o plano geral da vida, mas começar a atuar em seus aspectos mais simples. Tentar conduzir a humanidade para um futuro mais prolífico, eliminar guerras e outros comportamentos humanos que não estavam a altura de seu enaltecido espírito. Mais ainda não havia me decidido se deveria me posicionar à frente ou atrás das cortinas da história. O caminho mais seguro era não me revelar, pois se houvesse motivos para mudar de ideia no futuro isso poderia ser feito, no entanto, a revelação seria um ato definitivo e irreversível... ou quase, já que a barreira do tempo também estava a meu alcance. Eu havia feito alguns pequenos experimentos que resultaram em algum entendimento sobre a estrutura do tempo também.

Até pensei em utilizá-lo para gerar uma fonte infinita de energia. Utilizando a concepção do espaço-tempo como uma dimensão e a refração do tempo para gerar um moto perpetuo onde elétrons voltariam nano-segundos somando-se a si mesmos na geração de um fluxo energético contínuo e crescente. Considerando a movimentação no eixo temporal possível, como já

demonstrado pela a velocidade da luz, seria igualmente viável gerar um fluxo de energia infinita. Além de um gerador de energia, também seria plausível um computador avançado ao ponto de mostrar os resultados de seu processamento antes de realizar os cálculos necessários para chegar a eles - no melhor estilo das futuras aplicações práticas dos conceitos da física quântica.

Entretanto, ainda que a movimentação no eixo temporal seja demonstrada como possível, sua parada deve ser considerada como uma singularidade, visto que poderia implicar em um efeito estático para todo o Universo. Como condição de contorno seria possível criar um escape mínimo de energia para evitar uma sobrecarga reduzindo-se assintoticamente o fluxo dos elétrons sem que houvesse um parada. Também seria possível acelerá-lo em momentos de intensa demanda energética.

Nesse inteirim refutei a ideia de linhas temporais em forma de "Y" considerando as em forma de "X" como teoria mais crível. Em outras palavras, um único passado não geraria futuros alternativos, mas cada futuro alternativo criado daria luz a seu próprio passado.

Mesmo que tudo isso fosse apenas propedêutico, ainda assim não poderia ser compartilhado com ninguém. Meu planeta, e até mesmo eu, ainda vivenciávamos um estágio primitivo de evolução mental e tecnológica. Na verdade, meu poder era mais perigoso do que útil, pois estava nas mãos de alguém cujo modo de pensar distava apenas alguns séculos da Idade Média, época em que bruxas e indivíduos com supostos poderes eram perseguidos e mortos por medo. Eu carregava em meu âmago toda essa falta de maturidade. Não deveria ser possível que alguém com esse nível de desenvolvimento alcançasse tamanho poder.

Se esse poder era uma bênção ou uma maldição, dependia apenas da forma como seria utilizado, e não dele em si. A escolha mais segura seria simplesmente não usá-lo, continuar vivendo como um habitante comum deste planeta. Mas eu seria capaz de fazer isso? Coisas grandiosas deveriam ser deixadas para seres igualmente grandiosos. Talvez fosse por isso que precisássemos de "verdadeiros" deuses, sejam eles reais ou fruto da imaginação.

Pensando na segurança de todos, e temendo que um dia eu pudesse cometer um ato irreversível ou que meus próprios valores fossem distorcidos a ponto de me tornar louco, tomei uma

decisão. Resolvi renunciar ao conhecimento arduamente adquirido ao longo de quase uma década de estudos e experimentos, para viver uma vida normal.

Ou, pelo menos, foi isso que pensei.

Guerras se intensificaram...

Desastres naturais e artificiais ocorreriam a todo tempo...

Algo precisava ser feito ou não haveria uma civilização para proteger!

O menor intervalo de tempo já medido deve ter sido aquele em que tomei a decisão de ter uma vida normal e a necessidade de me afastar dela. O mundo que, na minha opinião, nunca fora um lugar calmo e pacífico estava mergulhado no mais absoluto caos.

Com tudo que estava acontecendo na civilização moderna, minha intervenção parecia inevitável. Felizmente a cada instante eu descobria novas formas de aplicar meu poder telecinético ou mesmo novas maneiras de utilizar o que eu já havia aprendido. O entrelaçamento quântico, por exemplo, permitia que eu estivesse com meus olhos conectados a vários pontos do espaço simultaneamente. Com isso eu literalmente "via" o que acontecia em todo o planeta e, quando minha presença se fazia necessária, era só conectar todo meu corpo ao ponto do espaço correspondente e, instantaneamente, me teleportar para lá. Muito prático realmente!

Eu intervia em muitos acontecimentos pelo mundo todos os dias, desde frustrar alguns esforços de guerra, sobretudo da Rússia contra a Ucrânia, até evitar desastres como a erupção de vulcões e a queda de aviões. Até observava algumas tentativas de golpes de estado, como o da Bolívia, em junho de 2024, mais precisamente no dia 26, quando o general Juan José Zúñiga, ex-comandante do exército boliviano, e seu comboio de tanques invadiu o *Palacio Quemado*, sede do governo, apenas para ser detido pelas forças do presidente Luis Arce.

Para não perder uma visão centrada, humana, decidi criar uma organização para me auxiliar a guiar a humanidade, pois havia me tornado o pior tipo de observador, aquele que por sua própria idiossincrasia interferia na história. Entretanto, não tive tempo para implementar essa ideia. Com toda essa supervisão

global acabei encontrando alguns indivíduos suspeitos e com características interessantes nos cenários de muitos desses desastres e tive de investigá-los. Segui alguns deles e descobri uma organização de bruxos em plena capital norte americana. Parecia uma instituição com séculos de idade, repleta de livros de ocultismo e coisas do tipo. Até onde pude constatar todos eram praticantes de telecinesia. Havia até especialistas em lançar chamas que, sem saber, apenas agitavam as moléculas do ar a sua frente de forma frenética. Mesmo os que praticavam telecinesia de forma consciente há décadas, pareciam crianças que ainda não conseguiam nem engatinhar, lançando objetos de seus berços para inconscientemente adquirir uma noção relativa de distância.

Eles se revestiam de um conteúdo de misticismo bastante tenebroso, quando na verdade eram manipuladores da mesma força que eu, só que de forma menos que infantil. Será que nunca houve um cientista entre eles? Alguém que pudesse compreender de fato como funcionavam seus poderes ou será que eu era um cientista bem melhor do que eu pensava? As ações deles para utilizar suas habilidades me lembravam os xamãs e curandeiros indígenas que, para combater uma infecção utilizavam pele de onça e um tortuoso conjunto de rituais onde, embutido entre eles, havia uma planta que possuía um antisséptico natural que era o que realmente ajudava o paciente.

Suas intenções eram quase inescrutáveis, mas pareciam estar por trás de vários eventos com vítimas. Ao que tudo indicava estavam tentando manipular os acontecimentos para aumentar seu poder e influência. Talvez o caos recentemente espalhado pelo mundo não fosse tão aleatório quanto eu acreditava. Investiguei esse comportamento irresponsável em diversos episódios e sob inúmeras circunstâncias, até que decidi intervir.

Apareci na frente de um casal desses cultistas que tentava provocar um acidente com um veículo oficial que levava um certo membro do Congresso dos EUA muito ativo na mídia ultimamente e que se posicionava de forma veementemente contrária a uma proposta de lei sobre a criação de um novo estado americano. Aparentemente a constituição desse estado era de interesse da "seita" desses praticantes inconscientes e inconsequentes de telecinesia. Comecei um diálogo antes de agir:

— O que vocês estão pretendendo fazer?

Eles ficaram muito surpresos, parecia que nunca tinham falado com um ser humano normal como eu na vida deles.

- Quem é você?
- Vocês parecem não conhecer regras de etiqueta! Nunca ouviram falar que não se deve responder uma pergunta com outra?

O homem esticou o braço direito e tentou me lançar contra uma parede. Não cheguei a sentir nada! Era como se uma formiga tentasse empurrar um elefante. É verdade que abelhas e formigas são capazes de assustar elefantes e até impedir a alimentação deles onde elas formam suas colônias. Todavia, ao contrário dos paquidermes reais, eu não possuía medo desses insetos.

- O que você quer?
- Primeiro eu quero ensinar a você como se empurra uma pessoa com a mente!

Dito isso, joguei-o a cerca de 10 metros de distância ante os olhos assustados da parceira dele.

- O que você quer conosco? (insistia a garota)
- Eu sou professor e acho que vocês precisam aprender uma lição!
- Quem é você?
- Um amigo! Mas não de vocês, da sua vítima em potencial, eu diria.
- Você é um de nós? Um *Illuminati*?

Até então não havia percebido que esse grupo de fanáticos era o famoso *Illuminati*. Eu era realmente uma decepção como detetive, até pela arquitetura interna dos seus locais de reunião, que era renascentista, eu deveria ter desconfiado desse fato. Havia pensando que era apenas uma forma retrô e pomposa de decoração.

- Eu diria que sou um iluminado, mas não um *Illuminati*. Mas espere um pouco

enquanto termino minha conversa com seu amigo.

Fiz com que ela flutuasse, a prendi contra a parede do prédio ao lado e andei em direção do seu aturdido companheiro.

- Agora que você viu como se empurra alguém, que tal responder as minhas perguntas?
- Nós estamos em um missão!
- Que missão? Qual o seu propósito em tentar matar aquele senador?
- Ele está incomodando nossos líderes.
- Quem são e onde estão esses "líderes"?
- Tudo que sabemos é que nossas ordens vem de fora do país!

Pelo visto não iria conseguir muita coisa com esses peões, nem mesmo uma localização mais precisa de onde estavam seus superiores. No entanto, estava lendo a mente deles enquanto conversava e ambos pensaram na Itália no momento em que perguntei sobre seus líderes. Há muito tempo descobri como ler mentes, pois o cérebro funcionava através de ondas e, por mais ínfimas que fossem, eu conseguia ampliá-las e sintonizá-las telecineticamente. Ainda assim, não era tão simples ler um cérebro como ler um livro. Eu apenas conseguia "ouvir" seus pensamentos e não perscrutar suas memórias. Decidi teleportá-los para o 172º maior país do mundo, uma ilha chamada Tonga. Eu queria que as notícias de seu fracasso demorassem a alcançar seus mandantes. Também não tinha intenção de permitir que falassem sobre o encontro comigo para outros membros de seu culto. Então, antes de deixá-los ir, decidi resolver essa situação. Como nossas memórias são registradas em redes de neurônios que chamamos de engramas, uma descoberta do biólogo alemão Richard Semon, eu poderia simplesmente dissolver essas sinapses⁶ específicas e apagar as memórias dessa dupla dos últimos acontecimentos e foi o que fiz. Não era difícil localizar essas informações específicas, mesmo sem poder "lê-las", porque, por serem recentes, apresentavam uma condutividade

elétrica maior que as demais lembranças em suas mentes e eu podia “sentir” isso. Era basicamente a diferença entre as memórias retrógradas (de longo tempo) e as anterógradas (mais recentes) que eram mais difíceis de ser registradas pelos idosos. Um conceito bastante estudado em nossa era. Além disso, o susto que experimentaram ao encontrar comigo serviu como um sinalizador de onde esses registros mentais se iniciavam.

Quando acordassem não teriam a menor ideia de onde estavam ou como chegaram lá, além de não lembrarem de nada do que havia acontecido. Sua punição seria explicar para os seus superiores uma coisa que não sabiam e, ainda assim, justificar seu fracasso na missão. Não tinha ideia de como funcionava a organização interna dos *Illuminati*, mas algo me dizia que as punições podiam incluir até a morte.

Entretanto, meu problema é que esse não seria um evento isolado. Outros seriam enviados para cumprir essa e outras tarefas sombrias da organização deles. O problema é que eu ainda não sabia como encontrar a cúpula dos *Illuminati*. Minha única pista se resumia a um país inteiro: a Itália.

De todo modo, alguma pista era melhor do que pista alguma. Como a Itália ou qualquer outro ponto do Universo estava apenas a um pensamento de distância. Graças à manipulação telecinética do espaço para gerar um entrelaçamento quântico, apareci na “bota”⁷ e comecei a presenciar os eventos que constituíam o dia a dia daquele país. Tudo com o meu método peculiar de observação de visualizar vários “espaços” ao mesmo tempo. Em poucas semanas consegui encontrar membros dos *Illuminati* em uma de suas operações. Tempos depois descobri que esse feito foi um ato de muita sorte, pois era raro ocorrerem atividades ostensivas do grupo em sua nação. Nela e mesmo em toda a Europa, tudo era feito por trás dos bastidores do Poder. Ao longo dos séculos eles se tornaram os verdadeiros donos daquela parte da mundo e os verdadeiros responsáveis pela criação da própria comunidade européia.

Os membros que encontrei estavam em Roma e me guiaram a um salão de reuniões onde os encontros do culto ocorriam. Um lugar gigantesco que pouco tempo depois descobri estar localizado no prédio principal e sede secular dos *Illuminati*. Permaneci desviando o fluxo de fótons ao meu redor fazendo que não fosse possível ser visto por nenhum dos participantes. E descobri algo bastante inesperado quando investiguei os porões do edifício.

Bem guardada e preservada dos olhos do mundo estava uma nave espacial que descobri ter sido encontrada pelos criadores da seita num período anterior ao da idade das trevas⁸. A data de sua queda em nosso mundo não era conhecida, poderiam ser milhares ou até milhões de anos, talvez remontando a um período anterior aos estágios iniciais da vida em nosso planeta.

Entrei na nave atravessando suas grossas paredes agitando telecineticamente as moléculas de meu corpo em um processo similar ao do tunelamento de elétrons, mas em uma perspectiva macroscópica.

Descobri, tempos depois, que ninguém havia conseguido acessar o interior da nave desde sua descoberta, devido à aparente indestrutibilidade de seu casco. A nave, imensa como um estádio, estava enterrada sob diversas construções erguidas diretamente sobre ela ao longo de milênios. Registros indicavam sua existência pelo menos desde 753 a.C., o ano da fundação de Roma. Isso implicava que os *Illuminati* haviam mantido a espaçonave oculta por, no mínimo, 2.776 anos, correspondendo à idade da Cidade Eterna.

A própria lenda da fundação de Roma, que narra como a loba capitolina amamentou Rômulo e Remo – abandonados no rio Tibre e posteriormente levados ao avô Numitor, que os reconheceu e lhes permitiu fundar uma cidade no local do abandono –, foi, na verdade, uma história criada para encobrir a existência da nave. Ao utilizar elementos da mitologia grega e a narrativa dos gêmeos, os *Illuminati* conseguiram disfarçar sua influência.

Desde aquela época, o culto consolidou o poder ao reunir pequenas aldeias latinas, etruscas e gregas, estabelecendo a cidade de Roma. Nos primórdios, a monarquia foi o meio escolhido para empossar um rei que acumulava poderes executivos, legislativos, judiciários e religiosos. Foi nesse ambiente fértil que os *Illuminati* floresceram, atraindo indivíduos dotados de habilidades excepcionais para suas fileiras, até praticamente monopolizar o acesso a pessoas com tais dons.

O interior da nave era um ambiente que tenho dificuldade de descrever. Era muito avançado para os nossos padrões, mesmo considerando a idade do astronave. Outra coisa que se destacava, sobretudo pela posição dos controles, é que seus tripulantes originais não deviam possuir a forma humana, pois seria impraticável um bípede com cabeça, corpo e membros de um homem acessar seus instrumentos de navegação. Ao me aproximar do

estranho painel minha presença foi sentida e uma IA se comunicou sem som, direto com a minha mente. Não era um ataque, parecia uma saudação a um comandante³. Eu havia sido reconhecido como capitão da nave, talvez por minhas habilidades telecinéticas ou potencial telepático, ou simplesmente por ser o único ser vivo a adentrá-la em milhares de anos. Isso colocou um potencial inimaginável ao meu comando. Utilizei isso para dominar os *Illuminati* com facilidade, pois para eles a nave era um oráculo supremo da verdade. Ao se comunicar e me reconhecer como seu representante alicou boa parte da seita para o meu lado. Os poucos dissidentes foram eliminados pelos que aderiram à nova corrente. Isso incluiu todos os antigos líderes com suas ideias de dominação global, missões de assassinato, criação de desastres e dentre outras atividades escusas.

Iniciou-se então uma nova era para os *Illuminati*, uma verdadeiramente “iluminada” dessa vez. Eu me encontrava no comando da nova instituição e com os problemas administrativo que essa posição trazia. A transcrição abaixo exemplifica um dia típico à frente da corporação.

- Como está o humor da supervisora do agente coriolis?
- Eu diria que ela tem expressado de forma extrema seu descontentamento!
- Eu já imaginava, por causa do resultado dele nas tarefas que lhe foram designadas. Ele, claramente, possui potencial, mas não consegue realizar nem atividades simples como vigilância da forma correta.
- O agente coriolis acabou de chegar à sede para fazer seu relatório, atrasado novamente!
- Mais um dia normal em seu currículo... Eu não sei se ele está com algum problema ou se ele é o problema. Devido ao seu desempenho nas últimas missões, acabei reescrevendo um adágio popular pensando nele. Agora digo: Antes tarde, do que morto!

Apesar desse e de outros contratempos, a criação dessa instituição se mostrou bastante prolífica com o passar do tempo. Sobretudo com o auxílio da IA da nave alienígena que foi descoberta nos subterrâneos da sede dos *Illuminati*. Eu via com auspícios o futuro da humanidade nas mãos dela.

Mas isso foi antes que interferências externas concorressem para o fluxo de eventos.

CHEGA UMA FROTA ESPACIAL NA TERRA. UMA INVASÃO
EXTRATERRESTRE SE INICIA!

—
—
—
—
—
—
—

¹ A raiz desse paradoxo reside na intuição equivocada de que o corredor gastaria um tempo mínimo finito para atravessar cada intervalo sucessivo. Como existem infinitos intervalos, o tempo necessário pareceria também infinito. No entanto, essa percepção está incorreta: o tempo necessário para percorrer cada intervalo é proporcional ao comprimento do próprio intervalo, assumindo-se que o atleta mantém uma velocidade constante. Dessa forma, a

soma de todos os tempos parciais forma uma série convergente, resultando em um tempo finito para concluir a corrida.

² A telomerase é uma enzima responsável por proteger os telômeros, estruturas que recobrem as extremidades dos cromossomos e desempenham um papel fundamental no controle da divisão celular. Essa enzima é produzida por certos tipos de células, como as células-tronco, que precisam se multiplicar constantemente. Considerada uma enzima "anti-envelhecimento", a telomerase ajuda a preservar a juventude biológica das células, impedindo o encurtamento dos telômeros e prolongando sua capacidade de divisão.

³ O Limite de Hayflick, descoberto por Leonard Hayflick em 1965, é um mecanismo biológico que limita a capacidade de divisão das células. No caso das células humanas, esse limite é de aproximadamente 52 divisões. Após ultrapassar esse número, as células começam a apresentar sinais de envelhecimento e, eventualmente, morrem. Esse fenômeno é uma das causas do envelhecimento, mas também desempenha um papel crucial na prevenção do câncer, ao restringir a quantidade de vezes que uma célula cancerosa pode se dividir. Na busca por prolongar a vida humana, há atualmente uma extensa pesquisa dedicada a compreender e, possivelmente, superar esse limite.

⁴ $0=4 \cdot 4$ [—] $1=4/4$ [—] $2=4/4+4/4$ [—] $3=4 \cdot 4/4$ [—] $4=4$ [—] $5=4+4/4$ [—] $6=4+4/4+4/4$ [—] $7=4+4/4+4/4+4/4$ [—] $8=4+4+4/4$ [—] $9=4+4+4/4+4/4$ [—] $10=4+4+4/4+4/4+4/4$ [—] $11=4+4+4 \cdot 4/4$ [—] $12=4+4+4$ [—] $13=4+4+4+4/4$ [—] $14=4+4+4+4/4+4/4$ [—] $15=4 \times (4 \cdot 4/4)$ [—] $16=4 \times 4$ [—] $17=4 \times 4+4/4$ [—] $18=4 \times 4+4/4+4/4$ [—] $19=4 \times 4+4/4+4/4+4/4$ [—] $20=4 \times 4+4$ [—] $21=4 \times 4+4+4/4$ [—] $22=4 \times 4+4+4/4+4/4$ [—] $23=4 \times 4+4+4/4+4/4+4/4$ [—] $24=4 \times 4+4 \times 4/4$ [—] $25=4 \times (4+4/4)$ [—] $26=4 \times (4+4/4)+4/4$ [—] $27=4 \times (4+4/4)+4/4+4/4$ [—] $28=4 \times (4+4/4)+4$ [—] $29=4 \times (4+4/4)+4+4/4$ [—] $30=4 \times (4+4/4)+4+4/4$ [—] $31=4 \times (4+4/4)+4+4/4+4/4$ [—] $32=4 \times (4+4/4)+4 \times 4/4$ [—] $33=4 \times (4+4/4)+4 \times 4/4+4/4$ [—] $34=4 \times (4+4/4)+4 \times 4/4+4/4+4/4$ [—] $35=4 \times (4+4/4+4/4)$ [—] $36=4 \times (4+4/4+4/4)+4/4$ [—] $37=4 \times (4+4/4+4/4)+4/4+4/4$ [—] $38=4 \times (4+4/4+4/4)+4$ [—] $39=4 \times (4+4/4+4/4)+4+4/4$ [—] $40=4 \times (4+4)$ [—] $41=4 \times (4+4)+4/4$ [—] $42=4 \times (4+4)+4/4+4/4$ [—] $43=4 \times (4+4)+4/4+4/4+4/4$ [—] $44=4 \times (4+4)+4 \times 4/4$ [—] $45=4 \times (4+4+4/4)$ [—] $46=4 \times (4+4+4/4)+4/4$ [—] $47=4 \times (4+4+4/4)+4/4+4/4$ [—] $48=4 \times (4+4+4/4)+4$ [—] $49=4 \times (4+4+4/4)+4+4/4$ [—] $50=4 \times (4+4+4)$ [—] $51=4 \times (4+4+4)+4/4$ [—] $52=4 \times (4+4+4)+4/4+4/4$ [—] $53=4 \times (4+4+4)+4/4+4/4+4/4$ [—] $54=4 \times (4+4+4)+4 \times 4/4$ [—] $55=4 \times (4+4+4+4/4)$ [—] $56=4 \times (4+4+4+4/4)+4/4$ [—] $57=4 \times (4+4+4+4/4)+4/4+4/4$ [—] $58=4 \times (4+4+4+4/4)+4$ [—] $59=4 \times (4+4+4+4/4)+4+4/4$ [—] $60=4 \times (4+4+4+4)$ [—] $61=4 \times (4+4+4+4)+4/4$ [—] $62=4 \times (4+4+4+4)+4/4+4/4$ [—] $63=4 \times (4+4+4+4)+4/4+4/4+4/4$ [—] $64=4 \times (4+4+4+4)+4 \times 4/4$ [—] $65=4 \times (4+4+4+4+4/4)$ [—] $66=4 \times (4+4+4+4+4/4)+4/4$ [—] $67=4 \times (4+4+4+4+4/4)+4/4+4/4$ [—] $68=4 \times (4+4+4+4+4/4)+4$ [—] $69=4 \times (4+4+4+4+4/4)+4+4/4$ [—] $70=4 \times (4+4+4+4+4)$ [—] $71=4 \times (4+4+4+4)+4/4+4/4+4/4$ [—] $72=4 \times (4+4+4+4)+4 \times 4/4+4/4$ [—] $73=4 \times (4+4+4+4)+4 \times 4/4+4/4+4/4$ [—] $74=4 \times (4+4+4+4)+4 \times 4/4+4$ [—]

$75=4 \times (4+4+4+4+4/4)$ [—] $76=4 \times (4+4+4+4+4/4)+4/4$ [—] $77=4 \times (4+4+4+4+4/4)+4/4+4/4$ [—]
 $78=4 \times (4+4+4+4+4/4)+4$ [—] $79=4 \times (4+4+4+4+4/4)+4+4/4$ [—] $80=4 \times (4+4+4+4+4)$ [—]
 $81=4 \times (4+4+4+4+4)+4/4$ [—] $82=4 \times (4+4+4+4+4)+4/4+4/4$ [—]
 $83=4 \times (4+4+4+4+4)+4/4+4/4+4/4$ [—] $84=4 \times (4+4+4+4+4)+4 \times 4/4$ [—] $85=4 \times (4+4+4+4+4+4/4)$
[—] $86=4 \times (4+4+4+4+4+4/4)+4/4$ [—] $87=4 \times (4+4+4+4+4+4/4)+4/4+4/4$ [—]
 $88=4 \times (4+4+4+4+4+4/4)+4$ [—] $89=4 \times (4+4+4+4+4+4/4)+4+4/4$ [—] $90=4 \times (4+4+4+4+4+4)$
[—] $91=4 \times (4+4+4+4+4+4/4)$ [—] $92=4 \times (4+4+4+4+4)+4 \times 4/4$ [—]
 $93=4 \times (4+4+4+4+4)+4 \times 4/4+4/4$ [—] $94=4 \times (4+4+4+4+4)+4 \times 4/4+4/4+4/4$ [—]
 $95=4 \times (4+4+4+4+4+4/4)$ [—] $96=4 \times (4+4+4+4+4+4/4)+4/4$ [—]
 $97=4 \times (4+4+4+4+4+4/4)+4/4+4/4$ [—] $98=4 \times (4+4+4+4+4+4)-4/4$ [—]
 $99=4 \times (4+4+4+4+4+4)-4/4-4/4$ [—] $100=4 \times (4+4+4+4+4+4)$

⁵ Um quadrado perfeito ou número quadrado perfeito é um número natural que se radicado, possui como resultado outro número natural. Ou seja, são resultados da operação de um número multiplicado por ele mesmo.

⁶ Relações de contato entre os dentritos das células nervosas.

⁷ A Itália tem o formato de uma bota.

⁸ Outro nome para designar os aproximadamente mil anos da Idade Média, entre 476 e 1.453.